

AS IDENTIDADES DAS ESCOLAS DO CAMPO: CAMINHOS E DESAFIOS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Paulo Ricardo Bavaresco¹
Vanessa Daiane Rauber²

RESUMO

O presente artigo apresenta como tema As identidades das Escolas do Campo: Caminhos e desafios para construção de uma educação do/no Campo. A proposta busca contribuir com o debate sobre os desafios e os caminhos das escolas do campo e, portanto teve como principal objetivo, analisar as características e as ações desenvolvidas nas escolas do campo para construção de suas identidades, valorizando os aspectos culturais e sociais do povo do campo. A pesquisa também teve como pressuposto, identificar a existência de políticas desenvolvidas pelo estado que diferenciam as escolas do campo das escolas urbanas. Verificar as características e determinações legais que permeiam as escolas do campo. Refletir sobre a importância das escolas do campo, para o desenvolvimento das suas comunidades. Identificar as estratégias desenvolvidas pelas escolas no campo para o desenvolvimento do processo pedagógico, que valoriza a vida do campo. Para tanto, este artigo se compõe de uma análise bibliográfica, para compreender a importância dessas escolas e os principais conceitos sobre a educação do campo, através de diversos autores e nas legislações educacionais. Também, no desenvolver dessa pesquisa, lançou-se questionários para coleta de dados, em escolas do campo de três municípios da Agência de Desenvolvimento Regional de Maravilha - SC, os quais foram disponibilizados para gestores, professores e alunos da educação básica de escolas da rede estadual, localizadas na área rural desses municípios. Assim, fez-se a análise dos dados obtidos, confrontando com o posicionamento de diferentes autores para, então, compreender a realidade dessas escolas do campo, acolhendo as dificuldades, sonhos e anseios dos profissionais e alunos que frequentam essas instituições. Apesar das dificuldades enfrentadas, existem muitas possibilidades para que se concretize de fato o acesso e a permanência dos educandos em uma escola que tem suas raízes no campo e se desenvolve junto com a comunidade.

Palavras-chave: Educação. Campo. Identidade. Escolas.

1 Introdução

Em meio à contemporaneidade necessitamos realizar leituras de mundo para que possamos refletir sobre as transformações provocadas nos últimos anos no processo de mundialização econômica e suas fortes influências no povo do campo, na sua forma de trabalho, educação e de relacionamento.

A história das escolas do campo é marcada por lutas e conquistas, em busca de reconhecimento. Sem dúvida, é fundamental que nessas escolas sejam trabalhados a educação no que tange a qualidade, para isso é preciso compreender as características do ambiente em que estão inseridas. A busca pela qualidade da educação dos povos do campo requer debates e ações, que se concretizem nas escolas através de práticas pedagógicas direcionadas exclusivamente para as escolas do campo.

¹Doutor em Ciências Sociais, Professor e Pesquisador na Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC.
Paulo.bavaresco@unoesc.edu.br

²Licenciada em Pedagogia. Vanessadaianerauber@hotmail.com

É preciso construir no campo uma escola que valorize o campo, destinada aos povos do campo, levando em conta e participando do dia a dia desse povo. As lutas, as formas de trabalho, a cultura, as tradições e vida do campo, devem ser trazidas para dentro da escola, permitindo assim, que sejam fixadas no campo as raízes de uma escola que cresce com o campo.

Nesse aspecto justificamos a nossa inquietação diante das práticas pedagógicas desenvolvidas nessas escolas, envolvendo os valores e a cultura desse povo. É preciso resgatar os aspectos sociais, políticos e culturais do campo e integra-los nos currículos e ações desenvolvidas pelas escolas, permitindo assim que o aluno consiga percorrer os caminhos do conhecimento, a partir da sua realidade.

O artigo *As identidades das escolas do campo: caminhos e desafios para construção de uma educação do/no campo*. Surgiu através de uma pesquisa de campo realizada no segundo semestre de 2015, em municípios que pertencem a Secretária de Desenvolvimento Regional de Maravilha, envolvendo escolas do campo da rede estadual de Santa Catarina. Teve como principal problemática, Quais as características e as ações desenvolvidas nas Escolas do Campo que identificam a construção de suas identidades e valorize os aspectos culturais e sociais do povo do campo?

Primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com uma diversidade de autores, para contextualizar a educação do campo, no decorrer da história, bem como compreender os fatores que marcaram as conquistas e as lutas do povo camponês. Em seguida, fez-se uma pesquisa de campo, em escolas públicas do campo, dos municípios citados acima, com perguntas descritivas e dissertativas, envolvendo alunos, professores e gestores. Após a coleta dos dados, realizou-se a análise destes, norteada pelo referencial teórico, embasado em diversos autores.

É preciso conhecer, reconhecer, resgatar, respeitar e afirmar a diversidade sociocultural dos povos que vivem/habitam no campo e do campo. Assim, temos como objetivo principal caracterizar e analisar a realidade das nossas escolas do campo, suas estratégias e elementos diversificados que fazem com que a escola do campo tenha sua própria identidade e assim se caracteriza, permitindo que sejam fixadas no campo as raízes de uma escola que cresce com o campo.

2 As identidades das escolas do campo

A educação do campo no Brasil se desenha através de um processo histórico marcado por movimentos populares dos povos do campo. Esses movimentos contribuíram para os avanços das escolas do campo. Os povos do campo sempre buscaram, além de uma escola do campo, uma escola que estivesse ligada ao campo, aos seus valores, culturas e costumes. Com uma identidade marcada por esses aspectos.

Apesar de tantas lutas e reivindicações sociais os povos camponeses ainda precisam de atenção e políticas públicas que garantam os seus direitos. Na educação não é diferente. Transformar a escola do campo para o campo e garantir a construção de um projeto educativo adequado as características do meio rural, é apenas um dos direitos que devem ser garantidos aos povos dos campos. Muito mais do que um espaço de produção agrícola, esse é uma espaço de vida, de sabedoria, de cultura, de relações entre homens, mulheres, crianças e jovens e entre eles e a natureza.

Nos últimos anos o número de escolas do campo reduziu significativamente. Poucas escolas resistiram aos impactos enfrentados pelos povos do campo, pois grande número de pessoas saíram do campo nas décadas de 80 e 90, período de grande êxodo rural. Isso fez com que o número de alunos por escola diminuísse. Infelizmente, para os governos, tornou-se viável financeiramente, manter o transporte escolar para levar as crianças e jovens para escolas de comunidades vizinhas ou até mesmo para centros urbanos.

As escolas que ainda estão situadas no campo, na maioria das vezes, não têm uma atenção especial. Apesar das leis e decretos elaborados nos últimos anos, as escolas acabam sendo incluídas em programas e projeto destinado a escolas urbanas, deixando de lado toda diversidade e especificidade encontrada no campo. Para Arroyo, (2012, p.230) “Levar em conta essa diversidade de reconhecimento na construção de nossa história enriquece e torna mais complexo o projeto de educação em um de seus princípios básicos: o de que nos fazemos fazendo a história”.

Faz-se necessário, amplas discussões e um sério debate que contribuam para o fortalecimento da escola, constituindo uma escola que fixa suas raízes no campo e cresça junto com o povo. As escolas necessitam de políticas específicas que colaborem para construção de uma identidade única e real, de acordo com suas necessidades e diversidades.

Para Frigotto (2010, p.29, apud Caldart, 2012, p.259):

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja *no e do campo* [...]. (grifo do autor)

Isto nos ajuda a perceber que não basta ter uma escola, mas esta escola precisa garantir a sua contribuição no processo de formação humana e nesse contexto, para pensarmos a educação do campo é necessário tomar como ponto de partida o próprio campo. Segundo Haddad (2012, p.215): “Por meio da educação, são acessados os bens culturais, assim como normas, comportamentos e habilidades construídos e consolidados ao longo da história da humanidade [...]”.

Algumas características marcam as escolas do campo e as diferenciam das escolas urbanas. De acordo com o Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Em seu Art1º, entende-se:

[...]

I- populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e

II – escolas do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a população do campo; (BRASIL, 2010, p.1)

A escola do campo deve estar preparada com currículos que resgatem e constroem a identidade de homens, mulheres e crianças do campo. Valorizando a história desse povo, sua cultura e valores. Sem dúvida, além de esses currículos abrangerem as lutas históricas dos povos do campo, devem abranger uma concepção do campo que quebre com os preconceitos e com as visões que a sociedade tem sobre as escolas do campo. Ou seja, para assegurar uma escola do campo que realize os desejos do campo, o currículo deve ser próprio dessas escolas, sem seguir as concepções urbanas.

De acordo com o decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, Art. 2º São princípios da Educação do Campo:

I- respeito a diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de Gênero, geracional e de raça e etnia;

II – incentivo a formulação de projeto político-pedagógico específicos para as escolas do campo [...]

III – desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento das especificidades das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida do campo;

IV- valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos em conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, nem como flexibilidade na organização escolar [...]; (BRASIL, 2010, p.1).

Uma escola do campo, não basta apenas estar situada na área rural, ela precisa viver junto com seu povo. A escola se constitui por meio dos seus participantes, educadores, diretores, alunos, pais, enfim toda comunidade escolar. Portanto, deve estar preparada para acolher as suas dificuldades, interesses, alegrias, opiniões e, assim, valorizar a luta e a vida desse povo, além de contemplar a história deve valorizar o presente e vislumbrar um futuro desse povo.

Como vimos, são muitos os princípios e características que envolvem as escolas do campo. Portanto, apesar do número reduzido de escolas do campo, é preciso lançar olhares para as que ainda estão de portas abertas e exaltar o potencial e a grande importância dessas escolas para comunidade onde está situada. É preciso reconhecer as particularidades das escolas. A vida, cultura, história, o fazer e a dinâmica do campo, devem estar presentes nas escolas, constituindo assim as suas próprias identidades.

De acordo, com as diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, oficializadas através da Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, em seu Art. 2º, parágrafo único, a identidade da escola do campo é:

Definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2013, p.282).

As questões que são inerentes a sua realidade com certeza, são diferentes para cada escola, pois cada uma é única e conduz a formação da sua identidade, conforme os aspectos provenientes da sua comunidade escolar. Essas questões que devem fazer parte do processo de ensino e aprendizagem devem se conduzidas nas discussões entre professores, gestores, secretário e associações, pois são elas que alimentam as raízes das escolas para que ela possa ganhar vida e crescer juntamente com o campo.

Portanto, cada escola juntamente com a comunidade escolar, constitui características que contribuem na formação da sua identidade. Assim, para fixar suas raízes no campo, a

escola tem o papel fundamental de assumir e reconhecer o povo e os modos de vida do campo. Valorizando todas as características do campo, os profissionais, dessas escolas, devem estar preparados para levar os educandos a reconhecer a sua própria realidade e a partir dela levá-los a conhecer novos horizontes, novos mundos de conhecimentos.

De acordo com Melucci (2004, p.50, apud Vinholes, 2012, p.3) “A identidade define a nossa capacidade de se reconhecer e de ser reconhecido: Assim, compreender o campo é compreender a vida das pessoas que estão nesse ambiente e as instituições que permeiam a vida dessas pessoas e os laços construídos”. É através dessa compreensão que podemos identificar as principais características dessa população, para dirigir a eles políticas públicas que atendam essas especificidades. E dessa mesma forma, a escola é reconhecida pela comunidade, e define a sua grande importância para o campo.

A grande importância da compreensão dessa realidade pode ser refletida através das palavras de Freire (1979, p.14) “Quando o Homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”. Assim, também são as escolas, afinal, pensar a escola do campo não apenas olhar a sua estrutura física fixada ali no espaço do campo, pensar em escola é pensar nas pessoas que as constituem, é criar o seu próprio mundo escolar, é acolher os desafios e os caminhos que a vida do campo oferece e transformá-los em oportunidades.

3 Conhecendo os municípios e as escolas

O estado de Santa Catarina apresenta uma divisão política administrativa, dividida em 35 ADR'S (Agência de Desenvolvimento Regional). Entre elas está 2ª ADR, em Maravilha – SC, na região Oeste do estado. A 2ª ADR, campo da nossa pesquisa, é constituída por 13 municípios, Bom Jesus do Oeste, Flor do Sertão, Iraceminha, Maravilha, Modelo, Pinhalzinho, Romelândia, Saltinho, Santa Terezinha do Progresso, São Miguel da Boa Vista, Saudades, Sul Brasil e Tigrinhos. Faz-se presente nessa região as agroindústrias e agricultura familiar de pequenas e médias propriedades que, apesar de desestabilizadas pela modernização, ainda são marcadas pelas heranças naturais e culturais, deixadas pelos colonizadores. Segundo Bavaresco (2005, p.17): “Atualmente, o Extremo Oeste tem sua economia voltada para o setor agrícola e para a pecuária [...]”.

Nos últimos anos, principalmente nas décadas de 80 e 90, o campo sofreu com o êxodo de muitas famílias. Essa região, também se ressentiu com esse esvaziamento e muitas

escolas, situadas nesse espaço, encerraram suas atividades, nos últimos anos, pela falta de alunos. O transporte escolar é oferecido, através de parcerias entre estado e municípios para que crianças e jovens estudem em escolas situadas em áreas urbanas de seus municípios. Essa é uma realidade apontada por Beltrame (2012, p.28) “Quando pensamos a educação do campo no estado de Santa Catarina consideramos importante incluir a reflexão sobre o transporte escolar. As políticas governamentais que o estado vem desenvolvendo privilegiam a nucleação das escolas [...]”.

De acordo com os dados do Setor de Educação da Secretaria Regional de Maravilha, o número de escolas do campo diminuiu nos últimos anos e atualmente existem apenas nove escolas do campo da rede estadual situadas nos municípios de, Iraceminha (2), Romelândia (2) Saltinho (1), Saudades (3) e Sul Brasil (1). Para pesquisa foram selecionadas quatro escolas, dentre elas três que atendem do 1º ano ao 9º anos e uma que atende 1º ano ao Ensino Médio. Os questionários foram aplicados para 4 gestores, 12 professores e 18 estudantes.

3.1 A realidade das escolas do campo: seus caminhos e desafios

A história da educação do campo retrata um processo de lutas, desafios e vitórias que permeiam a realidade das escolas nos dias de hoje. O marco mais forte de todo esse processo está no povo que vive no campo, o seres humanos que fizeram e continuam fazendo a história. Portanto, não se pode pensar em uma educação voltada para o campo, sem ressaltar a grande diversidade encontrada nesse espaço. Diversidade que está nas relações sociais entre os homens, mulheres, jovens e crianças e nos seus viveres e fazeres com a terra.

O número de escolas presentes no campo reduziu significativamente nos últimos anos. Essa não é apenas a realidade do Estado de Santa Catarina, como também dos demais Estados brasileiros. Isso demonstra, que as discussões em torno das questões históricas e atuais, relacionada a educação do campo é de extrema importância. Assim, de acordo com Arroyo (2012, p.229), “Levar em conta essa diversidade de reconhecimentos na construção de nossa história enriquece e torna mais complexo o projeto de educação em um de seus princípios básicos: o de que nos fazemos fazendo história”. Compreende a importância dessas escolas e seu processo histórico, é um dos primeiros passos para construção de políticas educacionais para atender as especificidades e a realidade dessa população do campo.

Apesar dos diversos desafios apresentados, por gestores, professores e alunos nos questionários disponibilizados para pesquisa de campo, é preciso ressaltar o quanto a educação do campo é importante para crianças e jovens do campo. Esses ambientes de

escolarização traduzem uma forma de educação diferenciada e revela grandes potenciais e atrativos.

Podemos fazer essa reflexão diante das respostas de alguns alunos quando questionados sobre o que mais gostam em suas escolas. De acordo com o aluno C2, o que mais gosta é “*O ambiente da natureza, dos professores e atividades realizados*”. O aluno B2, também ressaltou: “*Ambiente calmo, áreas verdes e contato com a natureza*”. Como é importante para esses alunos, enquanto aprendem e podem viajar por outros lugares através dos conhecimentos, sentir e manter contato com a natureza e com o espaço em que vivem. Esse é um dos aspectos que constituem as escolas do campo, e estão presentes na formação de suas identidades.

As escolas do campo, assim como ao longo de seu percurso, apresentam desafios. A falta de atenção especificidades à essas escolas, faz com que apresentem dificuldades nas estruturas físicas e pedagógicas. Essas dificuldades foram ressaltadas nos questionários, pois, apenas uma das escolas pesquisadas possui laboratório de ciências e matemática, e além do mais, duas das escolas pesquisadas não possuem espaço adequado para organizar a biblioteca. Para Oliveira e Campos (2012, p. 242):

[...] encontramos como principais desafios para consolidação da educação básica do campo: a ampliação da educação infantil, do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio para os sujeitos do campo; a luta contra o fechamento das escolas do campo; o investimento na formação inicial e continuada de educadores do campo; a construção de materiais didáticos contextualizados e a implementação de metodologias ativas e participativas; o investimento na formação dos gestores das escolas do campo; [...]

São inúmeros os desafios enfrentados, atualmente pelas escolas do campo. Algumas fragilidades, citadas pela autora, foram apresentadas na pesquisa de campo. Os primeiros desafios já são apresentados na formação, inicial e continuada de professores e gestores que atuam nas escolas do campo. De acordo com dados coletados, 75% dos professores pesquisados não participaram de cursos específicos para educação do campo, nos últimos anos. Segundo o professor D2 “*Os cursos são oferecidos para uma parcela pequena de professores e falta de informação*”. O gestor da escola C também aponta as dificuldades encontradas: “*Devido ao pequeno número de escolas e de alunos o investimento e a importância dessas escolas são pouco relevantes para o estado*”. A Proposta Curricular de Santa Catarina (2014, p.78), traz em seu texto atual, conceitos que deveriam romper com essa realidade. “[...] a formação inicial e continuada dos professores precisa estar em consonância

com a proposta de educação do campo, com estudos que respeitam a diversidade e o efetivo protagonismo dos sujeitos do campo [...].”

O que preocupa é que até mesmo quem participou de alguns desses cursos apresentou dificuldades. De acordo com o professor D1, apesar de ter realizado o curso assinala, a maior dificuldade: “*A distância, são no litoral, capital*”. Como podemos perceber, além da carência de oferta não encontramos em nossa região cursos específicos para educação do campo, que poderiam levantar questões da realidade de nossas escolas.

Outro desafio apresentado pela escola é a falta de recursos. A grande maioria das atividades diferenciadas, realizadas pelas escolas do campo, acontece através de parcerias com cooperativas ou demais órgãos públicos. O professor A1 cita- “*São realizadas atividades voltadas ao conhecimento cultural dos alunos, esse ano foi desenvolvido o Projeto escola do campo em parcerias*”. Na escola C o professor C1 coloca algumas das atividades diferenciadas realizadas no ultimo ano: “*Capturar água da chuva que é um programa da Epagri; Cuidado com os jardim e ornamentação com flores, plantio de árvores e coleta de lixo*”.

Sobre os recursos e materiais pedagógicos recebidos os Gestores apontam: B- “*Pdde (Programa Dinheiro Direto na Escola) escola do campo – estrutura e programa mais educação oficina agroecológica*”. Para o Gestor C- “*Em 2015 o material recebido foi pouco. A grande maioria foi adquirida com os recursos da APP (Associação de Pais e Professores)*”. De acordo com o professor B1- a escola recebe: “*Apenas livros didáticos com algumas atividades direcionadas as escolas do campo*”. A falta de atenção as especificidades e a realidade de campo também refletem na oferta de matérias para realização de atividades e projetos específicos com a realidade da educação do campo.

Para Molina e Sá (2012, p.327):

[...] a importante definição de que sua identidade não se da somente por sua localização geográfica, se da também pela identidade dos espaços de reprodução social, portanto, de vida e trabalho, dos sujeitos que acolhe em seus processos educativos, nos diferentes níveis de escolarização ofertados.

Apesar de ter ganhado espaço em novas legislações, a educação do campo precisa de ações concretas que valorizem a vida e o fazer do campo e contribuam para construção de suas identidades. Todas essas dificuldades, muitas vezes refletem na valorização do sujeito social do campo, que tem um dinamismo especial, com valores e atitudes que constituem raízes culturais específicos. É preciso lançar um olhar mais dinâmico e especial as escolas do

campo. Esses ambientes educativos devem ser valorizados e fortalecidos para que possam relevar todos os seus potenciais e junto revelarem a riqueza de seus povos.

3.2 O desejo de uma escola do/no campo

Muito além de estar situada no espaço geográfico do campo, a verdadeira escola do campo se identifica com a diversidade que chega até ela através da comunidade escolar. Portanto, quando lançamos discussões sobre educação do campo, é preciso lembrar-se de todos os aspectos que permeiam o campo e de todos sujeitos envolvidos nesse processo. Apesar de todas as dificuldades encontradas, podemos ressaltar, através de nossa pesquisa, muitos desejos e sonhos de alunos, professores e gestores que buscam no dia a dia construir uma escola que consiga viver e crescer com o campo.

De acordo com Molina e Sá, (2012, p.329) “Outro aspecto central a ser transformado na escola do campo é o fato de seus processos de ensino e aprendizagem não se desenvolverem apartados da realidade de seus educandos [...]”. Como percebemos nas análises anteriores, muitas escolas do campo sofrem com a carência de formação, materiais e recursos. Essas carências muitas vezes fazem com que o processo educativo das escolas do campo não atenda realmente, a realidade de sua comunidade escolar.

A luta por uma educação de qualidade que atenda as necessidades do campo é uma luta histórica dos povos do campo. Mas a luta ainda continua e as escolas do campo merecem uma atenção especial em todas as suas dimensões, físicas e pedagógicas. O reconhecimento pela diversidade presente nessas escolas merece um enfoque especial para então, transformar essas lutas em qualidade educacional para os povos do campo. Essa busca por melhorias são desejos de alunos, professores e gestores que lutam para dar continuidade as escolas.

O processo educativo das escolas do campo deve acontecer através de uma articulação entre os saberes. Não se trata de querer fixar os homens apenas no campo, mas de abrir caminhos através da sua realidade. Quando questionados sobre a profissão que pretendem seguir, os estudantes possuem desejos e sonhos diferenciados. O aluno A4, pretende seguir a mesma profissão de seus pais, *“pois tenho bastante interesse e admiro e respeito o esforço de meus pais”*. Essa também é a pretensão do aluno B4, *“quero seguir no interior para tocar a propriedade adiante, gerando mais lucros e obtendo mais conhecimentos”*. O aluno A3 apresenta outros desejos *“eu gostaria de fazer uma faculdade e morar na cidade. Eu irei trabalhar com agricultura, mas não na agricultura”*.

Este é um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades da escola do campo: articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar, a partir do trabalho com a realidade da religião entre educação, cultura e os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. [...] Além de contribuir com a construção da autonomia do educandos, essas articulações propiciam a internalização da criticidade necessária à compreensão da inexistência da neutralidade científica, com a localização da historicidade dos diferentes conteúdos e dos contextos sócio-históricos nos quais foram produzidos. (MOLINA e SÁ, 2012, p.329).

A escola do campo deve ser o ambiente educativo em que as crianças e adolescentes do campo, encontram propostas educativas vinculadas a suas realidades. A escola deve estar organizada levando em consideração as vivências, experiências e do modo de viver do campo. A educação do campo deve estar preparada para criar possibilidades para seus estudantes para seguir seus caminhos no campo ou longe deles, porém sem deixar de valorizar as suas raízes.

Os alunos, de todas as escolas pesquisadas apresentaram seus desejos para melhorias de suas escolas. O aluno A4: *“Eu gostaria de melhorar os instrumentos tecnológicos, pois além da carência dos mesmos a falta deles é atual”*. O aluno B3 também apresentou seus anseios para melhoria de sua escola: *“Um laboratório de ciência e de matemática”*. Para o aluno C4 a sua escolha iria melhorar se tivesse uma *“quadra fechada ao redor”*. *“Melhorias na sala de informática, os equipamentos para ciência Ex: lupas”*. São os desejos apresentados pelo aluno A4. Se todos esses desejos fossem atendidos tornariam a escola ainda mais atrativa para essas crianças e adolescentes.

Esses desejos, para construir uma escola do/no campo também são apresentados pelos professores e gestores das escolas. Todos expressam desejos de mudança e melhorias, para construção de uma educação voltada para o campo e aperfeiçoada com materiais pedagógicos, laboratórios e com atenções específicas e políticas públicas para as escolas do campo, com olhar as suas particularidades. Para o Professor B1, é preciso: *“Formação continuada para professores que atuam nas escolas do campo; materiais que auxiliam os professores que atuam nessas escolas; valorização diferenciada para professores e alunos do campo – Internet, políticas voltadas para comunidade escolar do campo”*. O gestor A, também apresenta seus desejos – *“[...] recursos para ampliação da área interna e externa para que se possa desenvolver projetos de maior porte, oportunizando aos alunos prática a partir dos conteúdos trabalhados. Profissionais capacitados na área e pedagógica e de informática”*.

Os desejos de alunos, professores e gestores está previsto na Resolução CNE/CNB 1, de 3 de abril de 2002, que institui Diretrizes Operacionais Para Educação Básica nas escola do campo.

De acordo com o texto do Art. 15:

No comprimento do disposto no §2º do Art.2º, da lei 9.424/96, que determina a diferenciação do custo-aluno com vistas ao financiamento da educação escolar nas escolas do campo, o poder público levará em consideração:

[...]

II- as especificidades do campo, observadas no atendimento das exigências de materiais didáticos, equipamentos, laboratórios e condições de deslocamento dos alunos e professores apenas quando atendimento escolar não puder ser assegurado diretamente nas comunidades rurais; (BRASIL, 2013, p.284).

Além dessas indagações professores e gestores, sinalizaram outros pontos importantes, e que muitas vezes são deixados de lado nas discussões sobre escolas do campo, a formação dos profissionais, o quadro de servidores efetivos e a importância de se discutir um currículo específico para escolas do campo. O Gestor D, aponta que é preciso: *“Efetivação do quadro de servidores[...]”*. Esse desejo é uma necessidade real das escolas do campo. De acordo com os dados levantados pela pesquisa, 58,33% dos professores que trabalham nas escolas do campo, são ACT (admitido em caráter temporário). Para Caldart (2012, p.262): *“Os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola. Lutas e práticas da educação do campo têm defendido a valorização do seu trabalho e uma formação específica nessa perspectiva”*.

O desejo de mudança dos povos do campo está marcado nas histórias de lutas e movimentos ao longo dos anos que buscam a criação de políticas públicas nas dimensões físicas e pedagógicas. Para o gestor B, é preciso: *“Na área pedagógica que tivesse um currículo específico; profissionais para atuar na área do campo; escola em tempo integral com disciplinas específicas e práticas; De acordo com o gestor C: “Precisamos de cursos presenciais para melhorar o trabalho no dia a dia; gostaríamos de receber mais recursos para realizar novos projetos”*.

De acordo com Arroyo (2007, p.162):

[...]Torna-se urgente rever e ultrapassar políticas generalistas que se revelaram excludentes, negando a educação básica de crianças e aos adolescentes, jovens e adultos do campo, que destruíram a incipiente estrutura de educação rural e que deslocaram a infância, adolescência e juventude do campo, de suas raízes culturais e suas formas de socialização e sociabilidade.

Apesar da grande importância das escolas do campo para toda sua comunidade escolar e do maravilhoso trabalho que desenvolvem a luta por melhorias ainda continua. A falta de atenção específica a essas escolas está clara, expressada nas indagações dos profissionais e

estudantes que fazem parte dessas escolas. Investimentos na área pedagógica são urgentes, assim como também espaços para discutir a educação do campo e ouvir as indagações de todos que matém a vida das escolas todos os dias.

4 Reflexões finais

As escolas do campo trazem em suas trajetórias, estratégias e elementos diversificados que fazem com que constituem suas próprias identidades. É preciso conhecer, reconhecer, resgatar, respeitar e afirmar a diversidade sociocultural dos povos que vivem/habitam no campo e do campo. Essas escolas precisam de uma atenção especial, que atendem de fato os anseios e desejos da comunidade escolar. É preciso valorizar os aspectos que constituem as identidades das escolas do campo e realizar a articulação desses aspectos, na formação de professores, em programas e projetos, nos matérias pedagógicas disponibilizadas para as escolas, nas discussões curriculares e na melhoria de suas estruturas físicas e pedagógicas.

A construção das identidades das escolas do campo é um processo contínuo e requer o reconhecimento do campo além do que um espaço de produção agrícola. É preciso compreendê-lo como um espaço de vida, de sabedoria, de cultura, de relações entre homens, mulheres, crianças e jovens e entre eles e a natureza. É necessário ressaltar a importância de desenvolver políticas públicas e ações que favoreçam a valorização das suas especificidades. Isso contribui para o fortalecimento e construção de suas identidades, que advém das culturas, dos modos de vida e das tradições que marcam os povos do campo, construindo uma escola, que além de estar situada no campo, está envolvida com esse espaço.

ABSTRACT

This article presents the theme The identities of the Rural Schools: Ways and challenges for building an education / in the field. The proposal seeks to contribute to the debate on the challenges and ways of field schools and therefore aimed to analyze the characteristics and actions developed in schools from the field to build their identities, valuing the social and cultural aspects of the people from Camp. The survey also took for granted, identify the existence of policies developed by the state that differentiate schools from the field of urban schools. Check the features and legal requirements that permeate the schools field. Reflect on the importance of schools in the field, for the development of their communities. Identify the strategies developed by schools in the field to develop the educational process that values the life of the field. Therefore, this article consists of a literature analysis, to understand the importance of these schools and the main concepts of rural education through various authors and the educational legislation. Also, in developing this research, it fell down questionnaires to collect data in three municipalities Field schools SDR Wonder - SC, which were made available to managers, teachers and students of the basic education of the state schools, located in rural areas of these municipalities. So did the analysis of the data obtained, comparing with the positioning of different authors to then understand the reality of these schools in the field, accepting the difficulties, dreams and wishes of

professionals and students attending these institutions. In spite of the difficulties, there are many possibilities for that fact materialize the access and permanence of students in a school that has its roots in the field and develops together with the community.

Keywords: Education. Field. Identity. Schools.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales. Diversidade. In: CALDART, Roseli Salete, et al. (Org).

Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 359-365

ARROYO, Miguel Gonzales. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Cad.

Cedes, Campinas, vol. 27, n.72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em:

<<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 13/04/2013

BAVARESCO. Paulo Ricardo. **Ciclos Econômicos Regionais: Modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2005. 219 p.

BELTRAME, Sonia Aparecida Branco. **Escolas do Campo no Estado de Santa Catarina: A Formação dos Professores**. XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas, 2012.

BRASIL. **Decrto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010**. Brasília 4 de novembro de 2010.

BRASIL. Ministério da educação. Secretária de Educação Básica. Conselho Nacional da educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013

CALDART, RoseliSalete, et al (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.237-244

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In. CALDART, RoseliSalete, et al (Org).

Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257-265

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

HADDAD, Sérgio. Direito à Educação. In. CALDART, RoseliSalette, et al (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.215-222

MOLINA, Mônica Castagna. SÁ, Lais Mourão. Escola do campo. In. CALDART, Roseli Salette, et al (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.324-331

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. CAMPOS, Marília. Educação Básica do Campo. In. CALDART, RoseliSalette, et al (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.237-244

SANTA CATARINA. GOVERNO DO ESTDAO. SECRETARIA DE ESTDAO DA EDUCAÇÃO. Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral da Educação Básica. Florianópolis, 2014. 292p. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/proposta-curricular>. Acesso em: 14/11/2015

VINHOLES, Aline. **Gênero e identidade**: Reflexões sobre o contexto escolar. IX ANPED Sul – Seminário de pesquisa em educação da região Sul, 2012. 11p. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_e_Infancia/Trabalho/07_42_15_2216-6670-1-PB.pdfAcesso em: 12/12/2015.